

Por que a guerra? Paradoxos entre violência, sofrimento e cuidado: atravessamentos entre Einstein, Freud e Etty Hillesum

Why war? Paradoxes between violence, suffering and care: crossings between Einstein, Freud and Etty Hillesum

Osni Pavão dos Anjos¹

Resumo

O objetivo deste artigo é propor uma análise sobre o ser humano e suas ações numa abordagem social, psicanalítica e religiosa, partindo dos paradoxos entre violência, sofrimento e cuidado. Sabe-se que o ser humano é, por natureza, agressivo e capaz de causar sofrimento a si mesmo e ao próximo. Contudo, também é dotado de intelecto e ternura que o tornam apto para fazer escolhas em defesa da vida. Demanda-se questionar se haveria uma saída para essa realidade destrutiva que a humanidade carrega dentro de si. Para tanto, a análise parte do posicionamento da Psicanálise sobre as razões pelas quais o ser humano faz guerra, tema aprofundado no conteúdo abordado na carta *Por que a guerra?* de Albert Einstein e Sigmund Freud, para chegar à análise do conteúdo do diário de Etty Hillesum, uma judia que morreu no campo de concentração de Auschwitz em 30 de novembro de 1943. Do universal da humanidade ao sujeito particular, intenciona-se verificar se o ser humano, dotado de intelecto, mesmo em condições extremas em que a vida se encontra à beira da aniquilação, pode ser capaz de rechaçar o ódio e cultivar uma espiritualidade capaz de o mover para um caminho de pacificação.

Palavras-chave

Violência. Sofrimento. Cuidado. Pacificação.

Abstract

The objective of this article is to propose an analysis of the human being and his actions in a social, psychoanalytic, and religious approach, starting from the paradoxes between violence, suffering and care. It is known that human beings are, by nature, aggressive and capable of causing suffering to themselves and others. However, he is also endowed with intellect and tenderness that make him able to make choices in defense of life. There is a demand to question whether there would be a way out of this destructive reality that humanity carries within itself. In order to do so, the analysis starts from the position of Psychoanalysis on the reasons why the human being makes war, a theme deepened in the content addressed in the letter *Why the war?* of Albert Einstein and Sigmund Freud, to arrive at the analysis of the contents of the diary of Etty Hillesum, a Jewish woman who died in the Auschwitz concentration camp on November 30, 1943. From the universal of humanity to the particular subject, it is intended to verify if the human being, endowed with intellect, even in extreme conditions in which life is on the verge of annihilation, can be able to reject hatred and cultivate a spirituality capable of move to a path of pacification.

Keywords

Violence. Suffering. Care. Pacification.

¹ Doutorando e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em Psicanálise pela Universidad Kennedy (UK). Bacharel em Teologia pelo Studium Theologicum. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Arquidiocesana de Filosofia (FAF) e em Letras-Português pela PUCPR. Pároco do Santuário São Francisco de Assis, Curitiba-PR. Contato: pe.osni@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Os mais variados espaços de elaboração e construção dos saberes discutem e aprofundam as razões pelas quais o ser humano é violento e se volta contra o seu semelhante e, por vezes, contra si mesmo. As diferentes áreas do conhecimento tais como a Filosofia, a Política, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Teologia, entre outras, se debruçam para entender os motivos pelos quais os povos entram em guerra, mas poucas vezes se debate sobre fatores que agregam e proporcionam laços de fraternidade entre as pessoas. Os extremos violência e pacificação parecem irreconciliáveis.

O espaço das relações é por excelência o lugar de diálogo, da entrada no espaço sagrado da humanidade do outro na busca pelo sentido da própria existência, pois somente confrontando-se no olhar do semelhante que se consegue enxergar a si mesmo como uma obra imperfeita, mas, ao mesmo tempo, sublime da criação.

Neste artigo, propõe-se pensar as relações a partir dos seguintes atravessamentos paradoxais: a violência, o sofrimento e a escolha pelo cuidado como caminho de pacificação das pulsões. A relevância do estudo está em analisar essas realidades, não como excludentes, mas conciliatórias. São aspectos que tocam o real da vida e que não escolhem nacionalidade, raça, condição social, psíquica ou credo. Contudo, produzem o laço social entre os sujeitos, dotados de intelecto, afeto e, por essa razão, aptos para fazer a escolha entre matar ou juntos sobreviver.

O grande enigma da humanidade, desde o fratricídio narrado na história de Caim e Abel (Gn 4,1-16), busca por decifração. É uma metáfora sobre a luta interior do ser humano que é inimigo de si mesmo, batalha que se prolonga até o ponto crucial da percepção de que a pacificação seria o único caminho para que a vida continue sendo vida para todos.

Partindo da carta *Por que a guerra?*, texto de diálogo entre Albert Einstein e Sigmund Freud, escrito após a I Guerra Mundial, chega-se ao diário de Etty Hillesum. As considerações sociais e psicanalíticas serão aproximadas das anotações feitas por Etty enquanto esteve nos campos de concentração durante os horrores da II Guerra Mundial. O artigo aborda o tema da violência e do sofrimento da humanidade como um possível laço de fraternidade entre os sujeitos, únicos capazes de, entre o cercado de arame farpado e outro lado da cerca, fazer emergir um coração pensante, que percebe o outro não mais um inimigo, mas um semelhante, despertando para o cuidado como caminho para a pacificação das relações conflitivas pessoas e interpessoais.

1 “POR QUE A GUERRA?” DIÁLOGOS ENTRE EINSTEIN E FREUD

A pergunta *por que a guerra?* foi feita em uma troca de cartas entre Einstein e Freud durante os anos de 1930 e 1932, após a I Guerra Mundial (1914-1918). Uma guerra impulsionada pelas inovações tecnológicas que causaram muitas mortes com permanentes consequências posteriores. Entre 1930 e 1932, Einstein e Freud trocam cartas buscando compreender as razões pelas quais o ser humano é tão violento e causa a si mesmo e ao próximo dor e sofrimento.

Einstein indaga ao fundador da Psicanálise se existiria alguma forma de livrar a humanidade da ameaça da guerra. Qual seria esse caminho? E segue argumentando que as tratativas habituais “não obstante, apesar de todo o empenho demonstrado, todas as tentativas de solucioná-lo terminaram em lamentável fracasso” (FREUD, 1996, p. 205).

Segue admitindo, descortinando-se a razão de sua carta, que “o objetivo habitual de meu pensamento não me permite uma compreensão interna das obscuras regiões da vontade e do sentimento humano” (FREUD, 1996, p. 205), e é por essa razão que pede ao professor Freud que o ajude a “esclarecer a questão em referência elucidando o problema mediante o auxílio do seu profundo conhecimento da vida instintiva do homem” (FREUD, 1996, p. 205), e seria por esse viés, o dos instintos, que se poderia chegar a uma explicação sobre a violência humana.

Para Einstein, a política não tem alcançado sucesso no seu papel de promover a paz entre as pessoas, tampouco cumprido a missão de dar lugar a cada sujeito na organização social e que, dado essa impotência política, pode-se questionar se haveria alguma outra instância capaz de trazer luz ao tema, contribuindo para harmonização entre os seres humanos.

Destaca que existem determinados obstáculos psicológicos que um especialista em Física como ele tem dificuldade de compreender, por isso afirma: “estou convencido de que o senhor será capaz de sugerir métodos educacionais situados mais ou menos fora dos objetivos da política, os quais eliminarão esses obstáculos” (FREUD, 1996, p. 205).

O físico está certo de sua dificuldade de compreender as obscuras razões da alma, mas ao mesmo tempo confiante de que Freud, a partir de seu conhecimento acerca do inconsciente humano, poderá oferecer reflexões que desobstruam as áreas obnubiladas do pensamento humano.

Esclarecido esse preâmbulo, Einstein recorda que existem alguns princípios que regem a vida em sociedade que contribuem para que a convivência não se torne um campo de batalha. Advoga em sua reflexão que para buscar uma segurança internacional deve-se estar disposto a uma “renúncia incondicional, por todas as nações, em determinada medida, à sua liberdade de ação, ou seja, à sua soberania, e é absolutamente evidente que nenhum outro caminho pode conduzir a essa segurança” (FREUD, 1996, p. 206), senão através da renúncia, pois para viver em sociedade e usufruir dos benefícios e da proteção que a convivência em comunidade podem oferecer, o ser humano precisa estar disposto a abdicar de certas liberdades.

Abdicar ou renunciar de uma parte do poder e liberdade individuais, ou renunciar a soberania de uma nação sobre a outra, tange o desejo pelo poder que é sempre hostil, uma vez que as aspirações são sempre de caráter econômico, puramente mercenário, raramente visam o bem comum. Einstein questiona, a partir desse princípio “como é possível a essa pequena súcia dobrar a vontade da maioria, que se resigna a perder e a sofrer com uma situação de guerra, a serviço da ambição de poucos?” (FREUD, 1996, p. 206).

Ele faz referência à realidade das organizações sociais que deveriam ser locais de formação de consciência, mas que infelizmente encontram-se sob domínio da classe dominante

que “possui as escolas, a imprensa e, geralmente, também a Igreja, sob seu poderio. Isto possibilita organizar e dominar as emoções das massas e torná-las instrumento da mesma minoria” (FREUD, 1996, p. 207). Esses mecanismos populistas, inclua-se hoje a internet e o advento das redes sociais, conseguem despertar nas pessoas um entusiasmo extremado, dispostos até sacrificarem suas vidas em favor de causas destrutivas. Como isso pode encontrar uma explicação? “Pode haver apenas uma resposta. É porque o homem encerra dentro de si um desejo de ódio e destruição” (FREUD, 1996, p. 207).

Partindo do questionamento universal sobre a guerra, Einstein acrescenta um último elemento na sua construção sobre o tema, referindo-se ao sujeito particular e o aborda sob a ótica das guerras interiores, pessoais e se despede aguardando a resposta de Freud. “Até aqui somente falei das guerras entre nações, aquelas que se conhecem como conflitos internacionais. Estou, porém, bem consciente de que o instinto agressivo opera sob outras formas e em outras circunstâncias” (FREUD, 1996, p. 207), e citando guerras civis, a intolerância religiosa, fatores sociais, perseguições a minorias raciais, vai afunilando seus questionamentos desde esse real universal para chegar ao sujeito singular para questionar: esse sujeito poderia assumir uma posição livre, consciente e diferenciada frente a tantos desafios?

A esses questionamentos, em 1932, Freud deu o seu posicionamento. Explicita que a sua contribuição a respeito do tema da guerra se fundamenta na ciência do inconsciente, deixando claro que, em sua carta-resposta, o físico e o psicólogo partem de direções diferentes, mas que é possível dialogar sobre o mesmo chão.

O seu ponto de partida para construção de suas respostas se fundamenta no que ele mesmo chamou de “princípio geral”, segundo o qual direito e violência se afiguram como antíteses, pois os conflitos de interesses entre os seres humanos são resolvidos, desde o princípio até esses novos tempos, pelo uso da violência, única realidade que não envelhece, mas que adquire, de tempos em tempos, novas roupagens. Argumenta do seguinte modo:

No início, numa pequena horda humana, era a superioridade da força muscular que decidia quem tinha a posse das coisas ou quem fazia prevalecer a verdade. A força muscular logo foi suplementada e substituída pelo uso de instrumentos: o vencedor era aquele que tinha as melhores armas ou aquele que tinha a maior habilidade no seu manejo. A partir do momento em que as armas foram introduzidas, a superioridade intelectual já começou a substituir a força muscular bruta; mas o objetivo final da luta permanecia o mesmo – uma ou outra facção tinha de ser compelida a abandonar suas pretensões ou suas objeções, por causa do dano que lhe havia sido infligido e pelo desmantelamento de sua força (FREUD, 1996, p. 210).

Como consequência das conquistas à força e com violência, a relação terminava sempre como vencedores e vencidos, isto é, numa relação de desigualdade, ofuscada pelo direito conquistado de escravizar e dominar o território e as pessoas que sobreviveram ao brutal ataque. É uma constatação real, ou seja, é uma luta que “se passa em todo reino animal, do qual o homem não tem motivo por se excluir” (FREUD, 1996, p. 210). Portanto, esse seria o objetivo, dominar

pela violência bruta ou pela violência intelectual. Os mais fortes se sobressaem e dominam os mais fracos. A questão apresentada por Freud é que, embora pertencente ao reino animal, haveria algo diferenciado no ser humano que o tornaria capaz de se posicionar de modo diferente?

Na sequência, Freud apresenta a teoria sobre as pulsões que estão divididas em duas frentes: por um lado as que tendem à preservação da vida e, por outro, as que tendem à sua destruição. Teoricamente a pulsão é a representação psíquica de estímulos originados no organismo e que chegam até a mente que passa a decidir o comportamento que trará alívio à tensão. É como um impulso interno que conduz e molda as ações gerado tomadas de decisões com motivações inconscientes.

Ao longo da construção da teoria psicanalítica, o conceito de pulsão vai se diferenciar do conceito de instinto. *Instinkt*, passará a referir-se mais a um comportamento animal hereditário. Freud preferirá usar *trieb*, gerando o sentido de pulsão como pressão de algo que tende a ser realizado para mais além do princípio do prazer, ou seja, o fim não seria apenas uma satisfação fisiológica, para alívio da tensão biológica, mas haveria outros fatores pulsando e pedindo satisfação.

Para Freud, existe um duelo entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. A pulsão de vida diz respeito à conservação da vida, ou seja, trata-se de preservar a existência, por isso cria movimentos e mecanismos que favoreçam a mover e motivar alguém para escolhas que priorizem a segurança. É a partir daí que se alimenta a ideia de ponto de ligamento, isto é, de laço unitivo, é o que uma célula pode realizar com a outra, incluindo o ser humano como um todo, ligado pelo laço social ao outro na busca pela preservação da vida.

Já a pulsão de morte, na teoria de Freud, refere-se ao modo como o organismo se estrutura para eliminar os estímulos desagradáveis num trabalho de descarga no qual não haveria lugar para renúncia ou sublimação, mas uma entrega total ao gozo, entendido como uma repetitiva ação de retorno a um estado de inanição, como uma morte.

Os instintos humanos são de apenas dois tipos: aqueles que tendem a preservar e a unir – que denominamos “eróticos”, exatamente no mesmo sentido em que Platão usa a palavra “Eros” em seu Symposium, ou “sexuais”, com uma deliberada ampliação da concepção popular de “sexualidade” – ; e aqueles que tendem a destruir e matar, os quais agrupamos como instinto agressivo ou destrutivo (FREUD, 1996, p. 214).

As pulsões de vida e de morte não são excludentes ou passíveis de moralização para regulá-las, mas as ações consequentes encontram fundamento nos motivos que levam a agir. Esses motivos são os mais variados que vão desde o amor até o ódio, de natureza erótica e, principalmente, idealista, pois são os ideais do ego que levam o sujeito a fazer escolhas que modelam os seus comportamentos. “O instinto de morte torna-se instinto destrutivo quando, com o auxílio de órgãos especiais, é dirigido para fora, para objetos. O organismo preserva sua própria

vida, por assim dizer, destruindo uma vida alheia” (FREUD, 1996, p. 216), enquanto a pulsão de vida move a ação para entrar em relação com o diferente, criando laço para a preservação da vida.

Desta construção teórica, três seriam as consequências da guerra: a primeira continua a mesma relação de vencedor e vencidos, pois surgem novas leis feitas por e para os membros governantes, que seguem sendo os favorecidos dos direitos e os vencidos seguem desfavorecidos em estado de sujeição; uma segunda ação resulta em quando os que ficaram em posição de opressão se organizam e unem esforços para lutar pelo fim da justiça desigual; e, uma terceira consequência, consiste na transformação cultural dos membros da comunidade, ou seja, quando o nível de saber sobre si e sobre o outro se eleva e então surge o diálogo como meio para se chegar à pacificação. Freud em conclusão de sua carta-resposta a Einstein reforça a terceira consequência, ou seja, que o investimento no conhecimento compartilhando torna-se um caminho para construir a cultura da paz.

Para Freud, o fortalecimento do intelecto é o caminho para que o sujeito possa governar a vida instintual, dominando as pulsações que tendem a destruir e matar. O domínio das pulsões corrobora para destinação pacífica dos impulsos agressivos. Isso se daria através do diálogo, da capacidade do sujeito de entrar em relação com o diferente e nesta dialética alcançar síntese em favor do bem para todos.

A palavra diálogo está definida como fato de dois ou muitos falarem entre si para buscar uma mesma verdade, ou seja, classifica-a como um gênero de conversa voltada mais para o universal do que para o singular: “muitos falarem entre si, se for para buscar o verdadeiro, supõe em todos uma razão comum e a insuficiência, em cada um, dessa razão. Todo diálogo supõe o espírito universal e nossa incapacidade de nos instalar nele” (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 198).

A busca pelo universal através do diálogo implica entrar em relação, fato que produz laço social com o diferente para a construção do bem comum, uma realidade característica do ser humano. Já a decisão pela guerra seria a prova cabal da involução humana e “simplesmente não podemos mais nos conformar com ela. Isto não é apenas repúdio intelectual e emocional” (FREUD, 1996, p. 220), mas uma tomada de posição pacifista com intolerância constitucional à guerra.

“E quanto tempo teremos que esperar até que o restante da humanidade também se torne pacifista? Não há como dizê-lo”, responde Freud (1996, p. 220), reafirmando a necessidade do desenvolvimento intelectual e cultural pois, “tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha contra a guerra” (FREUD, 1996, p. 220).

Portanto, do universal do humano que por natureza é violento e se volta contra si, contra o outro e contra o mundo que o cerca, chega-se ao sujeito singular capaz de concentrar em si mesmo toda existência da humanidade. Um sujeito incansável em seu autoexame que foge do convencional, das mesmas explicações sobre o mundo que desenvolve um tipo de fé que se opõe ao ódio e a todo tipo de violência. Esse sujeito singular, dotado de um tipo de mentalidade de

quem sabe que deve e pode cuidar da vida, existe? É o que a análise na sequência do artigo busca aprofundar e responder.

2 ETTY HILLESUM, UM CORAÇÃO PENSANTE ENTRE AS CERCAS DE ARAMES FARPADOS

A leitura de Freud e Einstein acerca da guerra apontam para a análise do ser humano em suas características universais e particulares. Para sobreviver, o ser humano defende-se com violência instintiva, pulsional, própria dos animais. Contudo, Freud indica a capacidade da razão, do pensamento, como um diferencial em que fortificar o intelecto torna o sujeito capaz de fazer escolhas atravessadas pelo cuidado pela vida. Descortina-se um tipo de realidade nova em que seria possível ao sujeito fazer escolhas éticas de proteção e não de destruição.

A partir desse ponto, apresenta-se o testemunho de Etty Hillesum, uma jovem judia holandesa de 28 anos que morreu em Auschwitz em 30 de novembro de 1943. A experiência intelectual e mística desta mulher diante do sofrimento demonstram que o ser humano é mais do que o resultado de seus instintos pulsionais violentos. Em meio à guerra, em um tempo de total descrença na pessoa humana e nos seus valores, a voz de Etty se destaca para apontar esperança para humanidade.

Os seus escritos deixados em forma de diário, foram elaborados entre 1941 e 1943, em plena II Guerra Mundial. Em meio ao ruído do mundo, de metamorfose em metamorfose, quando ninguém mais poderia tirar-lhe a vida, purificada de todo o ódio e ressentimento do coração e, como um pássaro em voo livre nos braços de Deus, Etty descobre que “só fará jus à sua vida se não abandonar as pessoas que estão em definitivo perigo e usar os talentos que sabe que tem para levar alívio” (HILLESUM, 2019, p. 11).

A leitura do diário de Etty é uma experiência existencial. Em sua escrita observa-se uma limpidez de pensamento sobre o sofrimento e a dor no mundo, que é comovente. “O ódio não é da minha natureza”, afirma, pois para ela, embora perseguida, bastaria haver “apenas um alemão decente” para que, em respeito a ele, “as pessoas não derramassem seu ódio contra todo um povo” e que, “é preciso tomar uma posição e indignar-se com determinadas coisas” para modificar o mundo mesmo que à sua volta, pois “a vida não pode ser confinada a um determinado esquema com teorias delirantes e forçadas de raça, povo, etc.” (HILLESUM, 2019, p. 30).

A grande transformação de Etty teve início quando se encontrou com Julius Spier, um judeu oriundo de Frankfurt, refugiado no bairro judeu de Amsterdã. Este era de uma personalidade singular, dizia-se dele “uma personalidade mágica” dedicado ao estudo e à prática da “psicoquirologia”, um tipo de terapia de análise da psiquê humana através do corpo. Etty conheceu-o um mês antes de começar o diário e apaixonou-se, um amor que foi cultivado até o fim da vida.

Ela possuía um desejo pelo autoconhecimento que se potencializou através da terapia. A busca por si mesma culminou num encontro de unidade mística com Deus.

Há dentro de mim um poço muito profundo. E lá dentro está Deus. Às vezes posso chegar até o poço, mas com frequência há pedras e cascalho sobre ele, e Deus está enterrado. Então ele tem que ser desenterrado. Imagino que existam pessoas que orem com seus olhos alçados ao céu. Elas procuram Deus fora de si. Também há pessoas que se curvam profundamente e cobrem o rosto com as mãos, acho que essas pessoas procuram Deus dentro de si (HILLESUM, 2019, p. 85).

Trabalha com empenho as suas dúvidas sobre a vida, sobre o sofrimento, sobre o amor, sobre a dor, sobre o prazer, e com a ajuda de Spier descobre um caminho possível de ser percorrido.

Lá estava eu, então, com o meu “bloqueio espiritual”. E ele iria pôr o meu caos interior em ordem, dominar as forças contraditórias que habitam o meu íntimo. Foi como se me tivesse pegado pela mão e me dissesse, vê, é assim que deves viver. Toda a vida tive esta sensação: quem me dera que houvesse alguém que me pegasse pela mão e se ocupasse de mim; eu pareço forte e faço tudo sozinha, mas gostava tanto de me entregar completamente. E agora surge este estranho total, o senhor Spier, com a sua fisionomia complicada e, apesar de tudo, numa só semana já tinha operado milagres (HILLESUM, 2019, p. 22).

Etty considera que é importante dar-se conta das suas motivações, dos seus anseios e das suas fraquezas, descobre que “corpo e alma são um” (HILLESUM, 2019, p. 22) e que “essa interação entre corpo e alma é algo misterioso” (HILLESUM, 2019, p. 117) e, atenta às orientações do seu mestre, tenta trazer ao coração aquilo que apenas existe na mente.

Por ser muito estudiosa, tende a resolver tudo por meio da razão e aos poucos vai descobrindo que não se pode controlar tudo pela inteligência, é preciso deixar as fontes do sentimento e da intuição brotarem. Essa mudança se dá através de um processo que exige autoconhecimento que conduz Etty a aceitar-se tal como é com as suas capacidades e os seus limites.

Foi com Spier que Etty aprendeu pela primeira vez a pronunciar com naturalidade o nome de Deus, a ler o Antigo e o Novo testamentos e os autores espirituais cristãos, como Santo Agostinho, Tomás Kempis e Mestre Eckhart e quando revistaram as suas coisas encontraram, lado a lado, o Alcorão e o Talmude. Verdadeiramente uma pessoa movida a atravessar as fronteiras teóricas sobre tudo o que existe, para encontrar o ser humano com os seus extremos em toda a sua força, mas também em toda a sua fragilidade.

Tomada por um turbilhão de sentimentos que a levaria a uma violência contra o outro e até contra si mesma, Etty inicia um a caminho contrário no qual a dor e o sofrimento, causados pela violência da guerra a levam a sair de si mesma e olhar para o lado e, nesta virada, enxergar o outro como irmão que sofre e clama por ajuda. Nasce aí, no coração de Etty, sua habilidade de, mesmo na dor e no sofrimento, encontrar espaço para cuidar do outro e é nesse momento que acontece o encontro com Deus: “e aí há Deus. A garota que não sabia se ajoelhar e, no entanto, aprendeu a fazê-lo num capacho áspero de um banheiro sujo” (HILLESUM, 2019, p. 116).

Com o aumento da perseguição aos judeus, em julho de 1942, Etty se tornou colaboradora do Conselho Judaico trabalhando na sessão *Ajuda aos que partem*. O trabalho dos membros deste Conselho consistia em permanecer até o fim ao lado dos condenados à morte compartilhando com eles palavras de afeto e esperança.

Ao inferno da lama e da doença Etty opõe o apelo à bondade e à beleza da vida, ao seu valor intrínseco, à sua indestrutibilidade e capacidade de regeneração. Não tem ilusões sobre o destino que a todos espera. Mas aposta na felicidade do momento (FERREIRA, 2021, p. 333).

Durante os 14 dias que atuou na função como datilógrafa, definiu aquilo como “inferno”, e se apresentou voluntariamente para trabalhar no campo de Westerbork. Ela observava tudo e anotava com clareza e intensidade, de modo que o conteúdo dos textos do diário são uma autoimagem de si mesma em constante transformação pela busca do melhor que pode haver na essência humana.

A função de Etty era ajudar os deportados constantemente ameaçados de morte. Era um tipo de assistente social que procurava atender às demandas mais variadas possíveis. Contudo, o que a sensibilizava era a dura realidade de não poder dar resposta ao sofrimento causado por tamanha injustiça e perseguição.

Atravessada por essas questões que envolviam violência e sofrimento, Etty procura ultrapassar as barreiras visíveis do sofrimento desenvolvendo uma espiritualidade própria, conseguindo ver Deus onde ele parece estar mais afastado. Sua capacidade de aceitação e resiliência levam-na a afirmar que, “aceito tudo das tuas mãos, meu Deus, assim como for, sei que é sempre o melhor. Sei por experiência própria que, ao se suportar todas as dificuldades, pode-se transformá-las em algo bom” (HILLESUM, 2019, p. 300) e, sentindo-se perdida e desamparada, encontra espaço para a confiança e a gratidão: “que um coraçãozinho humano possa vivenciar tanta coisa meu Deus, possa sofrer tanto e amar tanto, sou-te muito grata, meu Deus, que tu tenhas escolhido especialmente o meu coração, nestes tempos, para poder passar por tudo o que passou” (HILLESUM, 2019, p. 297).

Suas anotações constituem um testemunho tocante do modo como ela conseguiu prestar ajuda os que estavam na antecâmara para os campos de morte. Por outro lado, as cartas do diário demonstram que, apesar dos temores e angústias, Etty foi capaz de avançar na consciência e na confiança em Deus, sem perder a esperança. No auge dos seus escritos, uma das expressões marcantes foi que desejava “tornar-se um coração pensante entre os barracões e os arames farpados” (HILLESUM, 2019, p. 300), revelando a consciência anunciada desde o início: “simplesmente tenho que ‘ser’ e viver e tentar ser um pouco mais humana” (HILLESUM, 2019, p. 90).

Freud afirmava na carta a Einstein que fortificar o intelecto seria um caminho para tornar-se mais humano e decidir-se pela vida. Para fortalecer essa ideia o sujeito deve trilhar um caminho interior de autoconhecimento e contato com as próprias misérias, com a própria violência interior, **Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 10, n. 17, p. 290-302, jul./dez. 2022
298 ISSN 2595-8208

construindo um saber sobre si mesmo a ponto de saber o que fazer com isso, ou seja, direcionar essa energia interior para o bem, como um percurso de pacificação das paixões interiores no cuidado de si e do outro.

Em 21 de outubro de 1941, Etty afirmou que o autoconhecimento “é um processo lento e doloroso, um despertar para a verdadeira independência interior” (HILLESUM, 2019, p. 105), e que o contato permanente com as próprias misérias e com a fragilidade proporcionam uma sabedoria e respeito a vida, raros de se encontrar.

O que importa é escutar o próprio ritmo que há em você e tentar viver de acordo com esse ritmo. Ouça o que emerge de você. Muito do que você faz é uma forma de imitação, ou então responde a obrigações inventadas, ou representações falsas de como uma pessoa deve ser. A única certeza de como se deve viver e o que se deve fazer só podem emergir das fontes que borbulham lá no fundo de si mesmo (HILLESUM, 2019, p. 138).

Então o seu coração vai se transformando a ponto de eliminar qualquer sentimento de revolta, mesmo em meio ao abismo causado pela guerra. “Um tempo atrás, disse a mim mesma: vou me empenhar para ajoelhar-me” (HILLESUM, 2019, p. 139), ato humilde e sensível, pois viver em meio a tanto sofrimento, por vezes, pode tornar a pessoa insensível. Em meio aos horrores da guerra, pergunta-se “como é possível que essa guerra e tudo o que se relaciona a ela me comova tão pouco. Talvez por ser a minha segunda guerra mundial?” (HILLESUM, 2019, p. 140).

As reflexões de Etty estão em constante dialética, num processo permanente de construção e desconstrução. Conceitos dos mais simples até os mais complexos como fé, Deus, existência, recebem constantemente novas roupagens. O que mais impressiona é o desfecho simples, mas de muita coragem que sempre a conduzem para o cuidado da fragilidade da vida.

É preciso esquecer novamente palavras como Deus e morte e sofrimento e eternidade. E é preciso se tornar outra vez muito simples e sem palavras, como o grão que cresce e a chuva que cai. Precisamos apenas ser. Será que já cheguei mesmo ao ponto em que seria sincero dizer: “Espero que eu vá para o campo de trabalho para poder ajudar a meninas de dezesseis anos que também vão?” Para poder dizer de antemão aos pais que ficarão para trás: “Não se preocupem, vou cuidar de suas filhas” (HILLESUM, 2019, p. 249).

No momento mais profundo da solidão e do sofrimento, no encontro com o outro, é que Etty encontra o sentimento da vida. O horror do dia a dia em Westerbork não excluiu nela o desejo de fazer algo a mais e que embora percebesse a sua incapacidade de fazer muito, trabalhava em si os sentimentos que afastavam a revolta, a mágoa, fazendo o que estava ao seu alcance para trazer alívio ao sofrimento.

Por vezes é quase impossível aceitar e compreender, Deus, o que aqueles feitos à tua imagem e semelhança, estão fazendo uns aos outros neste mundo, nestes tempos enfurecidos. Mas nem por isso me tranco no meu quarto, Deus,

continuo a enfrentar tudo e não quero fugir de nada e tento entender e analisar um pouco os piores crimes, tento rastrear o ser humano, pequeno, desnudo, que muitas vezes é difícil de ser encontrado em meio às monstruosas ruínas dos seus atos sem sentido. Não estou simplesmente sentada num quarto tranquila, com flores, deleitando-me com poetas e pensadores, venerando a Deus; isso não seria nenhum grande feito; também não acredito que eu seja tão alienada, como dizem meus bons amigos com ternura. Cada pessoa tem, afinal, a sua própria realidade, eu sei, mas não sou nenhuma sonhadora, Deus, uma “alma bela”, ainda meio adolescente [...]. Estou olhos nos olhos com o teu mundo, Deus, e não fujo à realidade em belos sonhos – quero dizer que há lugar para belos sonhos junto à mais cruel realidade – e continuo a louvar a tua criação, Deus, apesar de tudo (HILLESUM, 2019, p. 177-178).

A sua oração escrita no domingo dia 12 de julho de 1942 é um testamento no qual revela o seu desejo de ser fiel colaboradora na obra de redenção através do caminho do amor e da paz.

São tempos assustadores, meu Deus. Esta noite pela primeira vez fiquei acordada, deitada no escuro com os olhos ardendo e muitas imagens do sofrimento humano passavam diante de mim. Uma coisa eu prometo, Deus, uma insignificância: não deixarei que minhas preocupações com o futuro pesem sobre o dia de hoje; isso, no entanto, exige certa prática. Cada dia agora já é o bastante em si mesmo. Hei de ajudar-te, Deus, a que não me abandones, mas não posso assegurar nada com antecedência. Mas uma coisa se torna cada vez mais clara para mim: que tu não podes nos ajudar, mas que nós temos de te ajudar e com isso ajudamos a nós mesmos. Essa é a única coisa que podemos salvar nestes tempos e a única que importa: um pedacinho de ti dentro de nós, Deus. E talvez também possamos ajudar a exumar-te nos corações aflitos de outros (HILLESUM, 2019, p. 261).

Em Westerbork, dizem que Etty foi como um bálsamo para tantos exilados no campo, uma fração do céu num lugar infernal. O seu amigo Jopie Vleeschhouwer relatou como foram os últimos momentos desta vida interrompida pela violência causada pela guerra. Esse amigo acompanhou Etty e sua família quando foram transferidos para Auschwitz; acompanhou-a no último momento no caminho sem volta para a morte.

E ali Etty entrou no corredor de deportação, que apenas quatorze dias atrás ela própria havia descrito de sua maneira incomparável. Falando alegremente, rindo, uma palavra simpática para todo mundo que cruzava o seu caminho, cheia de humor cintilante, talvez um humor um tantinho melancólico, mas era realmente nossa Etty, como todos vocês a conhecem [...]. Lá se foi o trem, um apito estridente e milhares de deportáveis postos em movimento [...]. Lá se foi ela. E nós aqui estamos, roubados, mas não ficamos de mãos vazias. Logo nos reencontraremos (HILLESUM, 2019, p. 390-391).

O trem partindo rumo ao campo de concentração, narrativa feita pelo amigo Jopie, conta sobre o último capítulo dos momentos finais da vida de Etty em Westerbork. “É preciso se tornar outra vez muito simples e sem palavras, como o grão que cresce e a chuva que cai” (HILLESUM, 2019, p. 249), o que revela, portanto, que a morte não consegue apagar um legado testemunhal firmando pelo martírio.

Os seus escritos não são um romance ou uma narrativa em forma de contos extraordinários, mas sim o testemunho de uma jovem banida deste mundo pelo holocausto que

jamais será esquecida, porque a sua história singular é a história de toda a humanidade e porque em cada um se encerra toda vida do universo, pois cuidar de uma vida é sempre cuidar de toda vida.

Etty morreu em Auschwitz em 30 de novembro de 1943 e, à medida que o final de sua existência nesta vida se aproximava, a sensação de eternidade, de comunhão redentora com Deus através do sofrimento, foi se consolidando. “É o pressentimento do inevitável e a aceitação do inevitável e de saber que, em última instância, nada nos pode ser retirado” (HILLESUM, 2019, p. 259). Ela foi uma alma que perseverou até o cumprimento pleno de sua missão, sem perder a consciência de que a vida segue sendo vida, mesmo que em outra dimensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo foi analisar o modo como ser humano estabelece laços e relações paradoxais que ora são violentas e causam sofrimento e ora são afetuosas. As relações se expressam em escolhas que impulsionam ao cuidado de uns pelos outros, contudo, outras vezes, conduzem para aniquilação e destruição.

A Psicanálise, enquanto método de investigação da mente humana, bem como dos seus processos, entende que o ser humano toma decisões para além das suas relações biológicas e fisiológicas, pois a mente também é tomada por emoções, sentimentos, impulsos e pensamentos, trazendo a ideia de inconsciente que determina as escolhas do sujeito que, às vezes geram vida, outras causam morte.

Para compreender esses extremos entre violência e cuidado, amor e ódio, a proposta da análise partiu dos questionamentos que Albert Einstein dirigiu a Sigmund Freud entre 1930 e 1932, após a I Guerra Mundial, na esperança de que a Psicanálise pudesse oferecer respostas para compreender melhor as ações humanas. O objetivo seria descobrir se ao sujeito seria possível a aquisição de habilidades para posicionar-se, optando por preservar a vida e não a destruí-la. Freud, já de imediato, reconheceu a grande dificuldade de construir um pensamento psicanalítico sobre o assunto, mas aceitou contribuir para construção de um diálogo sobre o tema da guerra e suas consequências.

O fundador da Psicanálise argumenta que as pulsões de morte no ser humano, por vezes o tornam violento e agressivo e que, para preservar a sua própria existência pode se valer de ações que dominem o outro, visto como inimigo, e que outras vezes, quando esse poder de dominação não é possível, pois o outro lado pode oferecer resistências, parte para o extermínio da vida do outro.

Contudo, o que é paradoxal é que nem sempre a violência e a destruição possuem razões de autodefesa, pois muitas vezes a violência contra o outro, ou até contra si mesmo são escolhas, em que a dor e o sofrimento de um causam o prazer em outro. Freud, por sua vez, defende que o ser humano possui dentro de si o desejo de pacificação e que a pulsão de vida pode prevalecer

sobre a pulsão de morte através do fortalecimento do intelecto, único capaz de governar a vida pulsional.

Neste ponto, o artigo apresentou a história de vida de Etty Hillesum, uma judia que viveu os horrores da II Guerra Mundial nos campos de concentração. Demonstrou-se através da análise dos textos do diário, que é possível fortalecer o intelecto humano tornando-o apto para escolher o amor ao invés do ódio e decidir utilizar todos os dons que sabe que possui para ajudar no microuniverso no qual se encontra, aquém do seu caos, a fazer daquele lugar um espaço de fraternidade e de paz.

Não é que a pulsão de morte seja eliminada no sujeito e ele se torne um pacifista. Mas quando o intelecto se fortalece, o sujeito passa a dominar suas pulsões negativas, segue construindo saberes sobre si e sobre o mundo, tornando-se capaz de fazer escolhas pela vida, pois compreende que defender e cuidar da vida do outro é, na verdade, cuidar de si mesmo.

Etty Hillesum, mesmo confinada entre as cercas de arrame farpado, no meio de tanta violência e destruição, encontrou em si mesma, através da análise profunda do seu eu, um lugar de habitação do sagrado e, quando desenterrou esse lugar, descobriu um grande tesouro: que toda vida é sagrada e por isso precisa ser cuidada e preservada.

O seu testemunho revela que o ódio e a violência são forças interiores que podem ser redirecionadas para o bem quando convertidas em atos de cuidado. Do vazio de sentido à consciência da presença de Deus, Etty se levanta como um modelo de ser humano, dotado de intelecto, de afeto, capaz de elaboração e reelaboração dos saberes numa escolha permanente ao infinito, mas sempre em favor da vida. ✨

REFERÊNCIAS

COMTE-SPONVILLE, André. **Dicionário filosófico**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERREIRA, Maria Luiza Ribeiro. Cuidar dos outros, cuidar de Deus – o testemunho de Etty Hillesum. **Pistis e Praxis**, Curitiba, v. 13, ed. espec., p. 321-337, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/27593/24878>. Acesso em: 27 jun. 2022.

FREUD, Sigmund. **Por que a guerra?** Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 22. p. 205-220.

HILLESUM, Etty. **Uma vida interrompida**. Belo Horizonte: Âyiné, 2019.

Recebido em: 28/06/2022.

Aceito em: 25/10/2022.